

Artigo / Article

Uma cartografia do sujeito autoral de mulheres negras em cartas

A cartography of the authorial subject of black women in letters

Tainara Cecília Pereira Santos 

Universidade Federal da Bahia, Brasil
proftainaracecilia@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0002-8474-9176>

Rosinês de Jesus Duarte 

Universidade Federal da Bahia, Brasil
rosinesjduarte@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-4231-4884>

Recebido em: 16/05/2024 | Aprovado em: 15/11/2024

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar alguns textos epistolares contemporâneos de mulheres negras, compreendendo-os como importantes instrumentos de reconstrução da memória coletiva e cultural da população negra através da escrevivência, fenômeno diaspórico e universal que atravessa a escrita das mulheres negras que serão analisadas, a partir da constituição do sujeito autoral do texto. Analisaremos como a escrevivência presente nos textos epistolares de mulheres negras é um exercício de memória, transgressão e rompimento com um sistema racista, opressor e violento. Essas sujeitas-autoras encontram na escrita um lugar de emancipação e empoderamento que, nas cartas, é compartilhado com destinatárias-leitoras.

Palavras-chave: Textos Epistolares • Sujeito Autoral • Escrevivência • Memória Cultural • Memória Coletiva

Abstract

This article aims to analyze some contemporary epistolary texts by black women, understanding them as important instruments for reconstructing the collective and cultural memory of the black population through writing, a diasporic and universal phenomenon that permeates the writing of the black women who will be analyzed, from the constitution of the authorial subject of the text. We will analyze how the writing present in the epistolary texts of black women is an exercise in memory and transgression and rupture with a racist, oppressive and violent system. These subject-authors find in writing a place of emancipation and empowerment that, in the letters, is shared with recipient-readers.

Keywords: Epistolary Texts • Authorial Subject • Escrivivência • Cultural Memory • Collective Memory

Introdução

Escrever cartas é uma prática comum ao longo do desenvolvimento da civilização humana. Escrever, desde muito tempo, representa uma das formas que os seres humanos encontraram para estabelecer comunicação consigo mesmo e com o outro. Se comunicar, além de uma habilidade, é uma necessidade humana que pode se manifestar de diversas formas, a carta é uma delas. Os textos epistolares assumem, no campo literário, um lugar à margem do que é, efetivamente, tratado como literatura, seja como contexto do texto, manutenção do texto literário ou análise de reconhecimento de contexto histórico e social de quando o texto literário em questão foi escrito. Ao longo do tempo, a carta percorreu alguns caminhos para chegar no que, hoje, defenderemos como produção em conformidade a qualquer outro texto tratado como literário na teoria e na crítica.

Ao pensar os textos epistolares escritos, especificamente, por mulheres negras de diferentes idades, com diferentes propósitos e em localizações geográficas díspares, é possível compreender que além de se expressar e se comunicar com alguém, eles assumem o papel de (re)construção de uma memória há muito esquecida por determinado povo. Existe um mecanismo, talvez inconsciente, de escrita que permite que cartas tão distintas sejam pensadas e analisadas em simultaneidade.

Trataremos esse mecanismo de escrita como escrevivência, fenômeno diaspórico e universal que demarca a inserção da condição da mulher negra na sua escrita, comprometida com uma voz que fala de si, mas não só, trazendo consigo uma coletividade daqueles que não puderam se fazer ouvir. Essa narrativa de um povo que, por muito tempo, foi negligenciada e invisibilizada é reconstituída nas cartas e pode ser importante instrumento de rememoração e reconstituição da memória coletiva e cultural de uma comunidade.

As cartas que serão analisadas são registros de mulheres negras que evocam sua voz através de uma coletividade de outras mulheres negras, como é possível perceber na escrita da autora norte-americana Maya Angelou ao entoar uma mensagem de emancipação e transgressão às outras mulheres que chama de filha. Nas suas cartas, presentes na obra *Carta a minha filha* (2019), ela traça um diálogo poderoso e ancestral com outras mulheres.

Isso se repete em outra carta que analisaremos melhor posteriormente, também de uma autora norte-americana, Saidiya Hartmann (2021), que através da escrevivência, constrói um relato memorialístico para reconhecer não só a sua comunidade e ancestralidade, mas para conhecer a si mesma. A escrevivência de Hartmann (2021) demarca uma *sujeita autoral* comprometida com o reconhecimento do seu lugar no mundo através das conexões que estabelece com sua história e das pessoas ao seu redor.

LINHA D'ÁGUA

Ainda numa perspectiva norte-americana, na obra *A cor púrpura* (2016), conhecemos a personagem Celie, uma mulher negra submetida aos mais diversos tipos de violência, que ao se ver sem alternativa escreve cartas para Deus. Esse diálogo com seu destinatário leva anos, tendo em vista que a personagem escreve desde a adolescência até se tornar uma mulher adulta, e, nesse processo, acompanhamos a evolução, não apenas da sua idade, mas de sua emancipação. Por assumir o mecanismo de escrita, que tratamos como escrevivência, ela consegue perceber como sua vida é atravessada pelas questões de raça, gênero e classe, afinal é uma mulher, negra e pobre.

Partindo para um contexto latino, dentre as cartas que se destacam na obra *Cartas para o bem viver* (2020), destacamos a escrevivência presente na carta de Duarte (2020), destinada à sua filha mais nova. Na carta, ela escreve como um exercício de memória, para que, futuramente, sua filha possa lembrar que não está sozinha, pois através da escrita ela constrói uma rede de apoio preta e feminina.

Ainda numa esfera latino-americana, na obra *Cartas para a minha mãe* (2010), a remetente das cartas começa a escrever ainda na infância até a adolescência, ela escreve para sua mãe que já faleceu e encontra na escrita um lugar onde é possível se inserir no mundo. Através da escrita das cartas ela vai desenvolvendo consciência racial e aporte emocional para lidar com as violências que é submetida constantemente. Conforme essa remetente escreve, ela percebe seu lugar no mundo e que é possível usar sua voz para reivindicar as situações que vive.

Também escrevendo para uma destinatária que já faleceu, na obra *Cartas para minha avó* (2021), a remetente das cartas escreve para uma avó já falecida, rememorando episódios que aconteceram ao longo da sua vida, traçando um diálogo com sua própria filha, para que ela tenha um futuro diferente daquele que teve a sua avó, sua mãe e ela mesma.

A escrevivência presente nas cartas dessas mulheres é muito mais que uma forma de escrever, é um exercício político de memória e fortalecimento de uma comunidade. Para isso, é preciso que compreendamos, de maneira breve, o percurso desses textos na história da literatura.

1 A escrita de cartas na história da literatura

As cartas são registros escritos utilizados há séculos para estabelecer comunicação entre duas ou mais pessoas. Por meio delas, grande parte da história da humanidade foi retratada e perpetuada não só de uma pessoa para a outra, mas, incontáveis vezes, de geração em geração. Nos últimos tempos, a carta vem sendo utilizada não só para estabelecer comunicação, mas como meio de expressão para a escrita de si e do mundo. Originalmente, como afirma Moraes (2000, p. 17),

a carta configura-se como estrutura maleável em fundo e forma. Todos os assuntos podem ser incorporados à sua mensagem, o que faz dela não apenas receptáculo de novidades ou amenas confidências como também o lugar de informações e saber constituído, compartilhado por duas vozes em confronto dialético. A essa inexistência de limites temáticos junta-se o caráter de forma aberta do gênero epistolar.

Para Moraes (2000, p. 14), o “comungar” da carta

se espelha no desejo de estar junto, na constante troca de opinião, nas sugestões contestadas ou aceitas. O 'outro', no diálogo epistolar, concorre muitas vezes para a realização artística, funcionando como termômetro da criação. A carta é 'laboratório' onde se acompanha o engendramento do texto literário em filigranas, desvendando-se elementos de constituição técnica da poesia e seus problemas específicos. Propicia a análise (gênese e busca de sentido) e torna manifesto as motivações externas que 'precisam a circunstância' da criação. A escrita epistolográfica proporciona a experimentação linguística e o desvendamento confessional.

A esse “desvendamento confessional” ou essa escrita de si, Foucault (1992, p.149), irá dizer que a carta “é algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro”, dirá que “ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros”. Para ele, “a escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (Foucault, 1992, p. 145). Para ele, a carta é a materialização do destinatário ao remetente e representa um encontro, ou um reencontro, que não é possível pela concretização do corpo em si, mas é um corpo que se materializa na escrita, e é através desse exercício que ele se evidencia para o outro e também para si mesmo. Foucault (1992, p.156) ainda reforça a ideia de que “escrever é, portanto ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”.

As cartas das mulheres negras que nos debruçamos nessa pesquisa correspondem a produções literárias que culminam em uma finalidade comum de reconstruir a história de pessoas que foram, historicamente, escamoteadas. Sabemos que, historicamente, a população negra representa uma parcela social não assistida, discriminada e subalternizada pelos processos históricos e coletivos que formam a estrutura do que hoje chamamos de nação. A essas pessoas foi negado o acesso a vários subsídios básicos como saúde, segurança, educação e lazer, e, por isso, precisaram construir estratégias de sobrevivência e resistência não só do corpo material, mas de suas culturas e costumes.

O esquecimento é um dos obstáculos com os quais a população negra precisou lidar e criar estratégias para não perecer e perder ainda mais do que já foi desperdiçado. Há um imaginário social da formação da identidade cultural da nação, não esquecendo que o Brasil é uma sociedade colonizada pelos europeus e, não escapa de olhar para os formadores da nação, muitas vezes, com o mesmo olhar que os colonizadores lançaram sobre este território. De uma forma geral e histórica, aderimos a um padrão estético europeu passando a perceber o negro como um problema patológico que atrasaria a sociedade brasileira e contribuiria para o não

desenvolvimento civilizatório, com isso, muitas das suas produções e contribuições sociais e antropológicas foram apagadas ou camufladas. O exercício de lembrar precisou ser grande, tendo em vista a manutenção do esquecimento. Nessa perspectiva, enxergamos as cartas de mulheres negras como importantes instrumentos da reconstrução da memória coletiva e cultural da população negra, construída em cima das narrativas dos detentores do poder constituídas pelas classes dominantes que são, em sua maioria, brancas, masculinas e heterossexuais.

Pensar em mulheres negras escrevendo para que assim possam inserir-se no mundo, é compreender um processo de transgressão e atravessamento da violência a qual foram expostas ao longo das suas vidas através de gerações. Voltemos no tempo e pensemos a figura da mulher negra no período escravocrata onde ela pode ser materializada através da figura da Mãe Preta, a qual sua experiência de escravização se concretizava dentro da própria casa-grande. Sobre essa figura, Conceição Evaristo (2020, p. 30) vai dizer que ela

Tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte de sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande.

Ao tratarmos esse corpo-território da mulher negra que escreve e resiste às imposições anteriormente estabelecidas, olhamos para as produções de suas cartas como textos literários que assumem o compromisso de reescrever uma história, que encontram na escrita esse lugar possível para que possam escrever e inserir-se num mundo que insiste em subnegar sua existência. Diferentemente de outras experiências, a experiência das mulheres negras que escrevem essas cartas que reconstróem uma história e uma memória coletiva e cultural, não são pautadas numa escrita de palavras de alguém que domina o mundo (Lispector, 1999), mas numa escrita de palavras de alguém proibida de dominar até mesmo seu próprio corpo, sendo esse corpo domínio de outra pessoa. Escrever para essas mulheres é inserir-se num mundo que não dominam para que através da escrita elas possam rememorar as suas próprias vivências e as de pessoas parecidas com elas. Escrever, nesse caso, não é um exercício de “adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30), circunscrevendo, assim, uma sujeita autoral que se inscreve, reivindicando e assegurando seu lugar no mundo.

Traçaremos o conceito de sujeito autoral das nossas remetentes, compreendendo antes alguns conceitos que nos farão perceber que, se tratando dos objetos em análise, esses conceitos nos nortearão, mas não serão suficientes para abarcar o que encontraremos aqui. O sujeito autoral das nossas cartas distingue completamente do sujeito autoral de uma ficção ou auto ficção, por exemplo, afinal não apreendemos esses textos, que tratamos como literários, considerando que “a ‘pessoa’ do autor” importa “mais que a própria obra (Moaes, 2006, p. 28).

Para nós, o sujeito autoral não é um “correlato do texto, ou o texto, um correlato do autor” (Moraes, 2006, p.28), pois não há hierarquização e diferenciação do texto e de quem

escreve. As obras, nesse caso, as cartas, são tão importantes quanto suas autoras, tendo em vista que as autoras das nossas cartas falam de si, mas não só. Através das suas vozes ecoam suas narrativas que contam as suas histórias e das outras, que vêm, vieram e virão.

Essas mulheres não escrevem cartas para justificar a escrita de algum outro texto literário, as próprias cartas são um texto e elas mesmas se auto justificam no ato da escrita e das vivências ali registradas. As mulheres negras remetentes das cartas, autoras dos textos literários em análise, abrangem e apreendem uma história que se concretiza nas suas vidas e nas de outras pessoas que constituem a sua comunidade. Através das suas escritas, elas não só se inserem no texto e no mundo, mas dão perspectivas e possibilidades para que outras façam o mesmo.

Pensaremos aqui a elaboração do sujeito autoral como intrínseco ao conceito de autor, relacionado ao aspecto do conceito de sujeito, que, como comenta Moraes (2006), pode-se não dizer nada, à medida em que se diz qualquer coisa. O mesmo o “eu penso” da consciência ou uma autoconsciência que define o exercício de conhecer e reconhecer. Entretanto, essa ligação entre o “sujeito” e o “eu”, foi desaparecendo a partir de algumas correntes filosóficas contemporâneas, que não nos debruçaremos.

Quando Saraiva (2009) diz que o sujeito é aquele que “se expressa a partir do cruzamento de intenções, de opiniões e de pontos de vista alheios; ele jamais é o representante de si mesmo, instituindo-se como voz em função de um grupo e do conjunto de ideias que adota ou que contesta” (Saraiva, 2009, p.2). Nas cartas aqui analisadas, as mulheres negras remetentes são as vozes de um grupo, mas esse grupo é representado pelo que estabelece de si mesmo, discordando do que afirma Saraiva (2009) ao dizer que jamais representam a si mesmo, pois a partir do mecanismo de escrita traçado é que se estabelece a forma de representar o todo representando, principalmente, a si.

Pensamos aqui uma noção de sujeito e uma ideia que ele tem de si mesmo através de signos e possibilidades criados por determinados grupos que se organizam e compartilham entre si o curso de suas relações sociais. O sujeito, nesse caso é um “produto de interação viva das forças sociais” (Bakhtin, 1988, p.66), pois a sua interpretação do mundo se dará a partir das relações que traça com sua comunidade. A experiência social de mulheres negras se dá a partir do lugar em que estão localizadas, seja das opressões que sofrem ou das estratégias de resistência que escrevem para enfrentar essas opressões, cursando seu próprio percurso através da apreensão e materialização da busca de sua inserção no mundo que se dá através da escrita.

Moraes tratará o sujeito como “essa relação de: ser-no-mundo” (Moraes, 2006, p.20), já Elia tratará o sujeito como um “operador que se impõe a nós, desde que nos coloquemos em determinada perspectiva, em determinado lugar a partir do qual interrogamos a experiência humana” (Elia, 2004, p.70). Hall (2006), nesse sentido, em uma das suas obras falar em “concepções mutantes do sujeito humano” (Hall, 2006, p.23) para tratar esse *sujeito* como “figura discursiva” concebida pelo pensamento e processos que o moldam. A partir dessa afirmativa de Hall (2006), assumimos que o sujeito é algo em construção, tanto

individualmente, como coletivamente a partir do meio do qual faz parte, logo, a subjetividade desse sujeito pode ser constituída tanto pela sua história, como pela sua cultura. O que Hall (2006) pretende fazer é descentralizar essa figura de um sujeito fixo, possibilitando novas reflexões sobre ele e a maneira como se estabelece na sociedade.

2 O texto epistolar atravessado pela escrevivência

Apoiando-nos nas concepções sobre o sujeito estabelecidas pelo psicanalista Jacques Lacan, pensaremos que este é constituído pela relação com o outro (Moraes, 2006). Logo, não olharemos para as nossas remetentes como esse *sujeito* fixo, mas como sujeitas constituídas pelo meio social em foram submetidas, entendendo esse *sujeito* de acordo com sua subjetividade individual, a partir do ponto de vista de seus contextos, muitas vezes instáveis, e suas particularidades individuais e coletivas.

As opressões sociais e raciais negam às mulheres negras a experiência da vivência de suas particularidades, colocando-as num lugar de estigmas e estereótipos que as impossibilitam de lograr as múltiplas viabilidades do ser. Quando essas mulheres, seja de que modo chegaram até a escrita, alcançam o papel com o ato de traçá-lo muito mais que a nível da tinta da caneta, mas das suas próprias experiências, essas mulheres vislumbram ali um lugar onde existir é possível.

A escrita se torna para essas mulheres um ponto de partida para uma nova realidade, realidade essa em que construir uma nova narrativa é palpável para que assim seu futuro seja transformado. Pensar a escrita como perspectiva de mudança é pensar, entre tantos elementos, a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, moradora de uma favela em São Paulo, catadora de papel, que da maneira mais surpreendente encontrou na escrita um lugar para realização de efetiva mudança em sua vida. Interessada em contar a realidade da favela em que vivia e denunciar o descaso destinado aos moradores da periferia, Carolina começou a escrever diário, que posteriormente foi publicado como *Quarto de Despejo* (1960), relatando seu cotidiano e as violências que lhe atingiam constantemente pela intersecção de raça, gênero e classe.

Esse processo de transformação pessoal que se dá à medida que essas mulheres negras, remetentes das cartas que aqui analisaremos, escrevem, é reflexo de como essas sujeitas autorais emancipam-se conforme tomam consciência de si e do mundo através de um mecanismo de escrita contaminada pela sua condição de mulher negra (Evaristo, 2020) que é a escrevivência. Muitas vezes a aplicação desse fenômeno à escrita não se dá de forma consciente e intencional, mas ao analisar as cartas de mulheres negras tão distintas é possível aplicá-lo observando como essa escrita é capaz de reestabelecer e reconstruir uma memória cultural e coletiva abafada.

A escrevivência das mulheres que estudamos nessa pesquisa não se centraliza no *é* como imposição plena à escrita, mas em qual circunstância esse *sujeito* que escreve foi elaborado. Conceição Evaristo vai dizer que a escrita surge, para ela, como uma “procura de entendimento

da vida” (Evaristo, 2020, p. 34), e é justamente nesses termos que tratamos a questão das nossas *sujeitas autorais*.

Essa inserção do “eu” que se comunga num “nós”, que denominaremos *escrevivência*, é possível através de um gesto não só de inscrição, como Moraes (2006) vai dizer, mas também de expressão. É através da *escrevivência* que essas mulheres se expressam e, ao contrário do que sugere Moraes (2006), elas não se expressam por estarem inseridas ou para inscrever-se, mas a partir do momento que se expressam conseguem inserir-se não só no texto, no papel, mas numa sociedade que explicitamente cerceia sua vinculação ao mundo, afinal, “escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo” (Evaristo, 2020, p.35).

Podemos pensar, então, o sujeito autoral dessas mulheres como um transportar para o texto, para a autoria, as experiências que não foram produzidas pela essência do ser ou da consciência, mas da maneira como foram inseridas na sociedade e a maneira que tiveram de lidar com ela, tendo em vista essa sociedade como aquela que sempre tripudiou as mulheres negras por causa da raça e por causa do gênero e, na maioria dos casos também, por causa da classe. Não olhamos para essas mulheres que são nossas *sujeitas autorais* como um produto do contexto, mas o contexto como um produto daquilo que elas conseguiram fazer da vida.

E ao repensar as formas do *fazer* com o que se tem da vida, poderíamos nomear de interseccionalidade, não compreendendo a prática nomeada pelo termo como um conceito fechado e fixo, mas o movimentar pelos atravessamentos de raça, gênero e classe, mas como fluido que pode desdobrar-se das mais diversas formas, a fim de analisar a complexidade das relações sociais e culturais através das penetrações estabelecidas pelas categorias sociais, afinal sabemos que

em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (Collins; Bilge, 2021, p. 16).

No caso das nossas *sujeitas autorais*, esse atravessamento de opressões se desenrola por fatores que se interseccionam. Por serem negras, o racismo é motriz condutor de opressões das suas vidas. Por serem mulheres que vivem num sistema patriarcal, machista, feminicida e misógino são, em sua maioria, pobres e, por isso, as opressões e preconceitos de classe também estão presentes nas suas vidas. Ademais, a localização periférica e marginalizadas que muitas se encontram, faz com que sejam alvos de discriminação e negação de acessibilidade social pelo lugar onde estão inseridas socialmente. Entretanto, a noção de interseccionalidade está “longe de ser fragmentada, liberal e cisheterossexista, a interseccionalidade é dimensão prática, precisamos do horizonte enquanto os navios estão atravessando, mas a fome de justiça depende da vida garantida agora” (Akotirene, 2019, p. 64). A interseccionalidade é motor de empoderamento e autoridade (Akotirene, 2019) às mulheres silenciadas pela sociedade.

Não se espera de mulheres negras a escrita, não se espera delas uma efetiva transformação social e cultural, mobilizando e emancipando a si mesma e as outras que serão impactadas pelo efeito que essa escrita causa. Essa produção autoral que as coloca como *sujeita* autoral é produzida através da ressignificação do existir num mundo que gostaria que elas não estivessem. Conceição Evaristo numa de suas entrevistas concedidas, irá dizer que sua escrita é, também, o seu espaço de vingança, não pela materialidade do texto, mas por tudo que esse texto carrega. A escrevivência presente naquele texto não é fruto de imaginação, mas a história de uma vida transformada em poesia, ao escrever ela reporta à escrita a si mesma, a sua mãe, sua avó, sua bisavó, e toda uma geração de mulheres que foram e serão. É nessa perspectiva que pensaremos a *sujeita* autoral das mulheres negras que escrevem as cartas.

3 A *sujeita autoral* das mulheres negras que escrevem as cartas

Pensamos e analisamos as obras aqui apresentadas não como a escrita de cartas que não correspondem à sua origem, pensadas e escritas para obtenção de uma resposta, mas como uma necessidade de expressar e transcrever o silêncio outrora imposto. Essas obras, que também são cartas, servem para fixar o que aqui propomos como *sujeita autoral* dessas mulheres negras, pois ao expressar demarcam seu lugar na vida e se inserem numa sociedade que deseja seu silêncio e apagamento, por esse motivo que, sem aguentar tanto silêncio, a remetente de *Cartas para a minha mãe* (2010), faz o movimento que todas as nossas mulheres remetentes fazem, começam a escrever.

Nessa perspectiva, lembremos que Bettiol (2016, p.230) vai tratar a carta como algo “imperativo” à resposta, como uma “condição *sine qua non* do gênero epistolar” e, se partindo dessa perspectiva, é possível questionar por que escrever uma carta se não se espera uma resposta? Por que não escrever um diário ou gênero semelhante? Um diário, por exemplo, não é destinado a ninguém além de si próprio. A carta, é. Ainda que não se espere uma resposta, seja lá por qual motivo, escreve-se para alguém. Pense em alguém contando um problema a outrem que não lhe pode solucionar, certamente ele não conta para isso, mas para aliviar-se, dividir um peso que lhe aflige o coração. Nesse caso, não há imperatividade à resposta, tendo em vista que meu destinatário transpassa a ideia de corpo e de tempo, podendo fazer efeito no agora com quem lê, mas também no futuro com seus descendentes.

Concernente a isso, refletindo sobre uma carta que escreveu para responder uma pergunta que outrora lhe foi feita, a professora Suzane Lima Costa (2013, p. 96) vai dizer que

a carta não foi escrita como pretexto para chegar a um fim; foi escrita para inventar um outro encontro, por uma vontade de recontextualizar, de falar sobre o outro interrogando ‘os outros’ da minha própria fala. Isso porque, dos textos que narram o ‘eu’ espetacularizado, o ‘eu’ privado, o ‘eu’ biográfico, para mim são as cartas que mais desestabilizam o lugar de quem se inscreve, de quem está implicado na escrita que teceu, justamente porque não há como escapar do dialógico, da alteridade, do encontro marcado com o outro ficcional ou não.

É com essa visão que olhamos para as cartas estudadas nessa pesquisa, não necessariamente com um fim, que aqui pensaremos como resposta, a ser alcançado, mas com um desejo de encontrar alguém que acolha tudo aquilo que, a partir da escrita, é colocado para fora, ainda que esse alguém seja a própria pessoa que escreve, compreendendo essa escrita como uma escrevivência, que é de si, mas não somente, pois não a pensamos como

uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebês das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos (Evaristo, 2020, p. 38).

Concernente a isso, na obra *Carta a minha filha* (2019), a escritora norte-americana Maya Angelou compartilha através da escrita relatos de dores, lutas, esperanças e sonhos para as próximas gerações de mulheres que vêm em forma de cartas. Angelou, ao longo da sua vida, deu à luz a apenas um filho, entretanto ao escrever para a “sua filha”, deixa explícito que essas cartas não são endereçadas a uma única pessoa, uma única mulher, essa filha que depreendemos a partir do título, mas é uma escrita que deseja passar ao papel o que se sente e por meio dessa escrita afetar outras pessoas. Ao dizer:

Eu dei à luz uma criança, um filho, mas tenho milhares de filhas. Vocês são negras e brancas, judias e muçulmanas, asiáticas, falantes de espanhol, nativas da América e das ilhas Aleutas. Vocês são gordas e magras, lindas e feias, gays e héteros, cultas e iletradas, e estou falando de todas vocês. Eis aqui minha oferenda.
(Angelou, 2019, p. 16).

Ela nos permite descobrir que não escreve as cartas imperativas a uma resposta, mas as escreve para a libertação daquelas que lerão seus escritos e de alguma maneira se identificarão e compartilharão suas experiências. A escrita de Angelou (2019) em *Carta a minha filha* invade, quase como um retorno, a quem ela era, como se escrevesse para um “eu” do passado como uma mãe que ampara e auxilia ao longo desse caminho que chamamos vida. Sabendo que isso não é possível ela desloca esse remetente para nós, para você, para as suas filhas.

Quando ela diz “tenha a certeza de que não vai morrer sem ter feito algo maravilhoso pela humanidade” (Angelou, 2019, p. 16), ela comunga com o que propomos a respeito da (re)construção da memória e da abertura de caminhos para novas possibilidades de as mulheres negras serem e existirem no mundo. Angelou (2019) através das suas cartas visa pegar na mão de todas as mulheres e caminhar junto delas, traçando e viabilizando não só um novo caminho, mas um novo caminhar.

Esse novo caminhar é complexo e ainda impõe muitas dificuldades ao longo do trajeto, então de que maneira é possível traçar uma nova história à medida que a velha história se repete a todo tempo? É injusto não reconhecer os avanços que tivemos ao longo dos anos, através de movimentos sociais e lutas coletivas, mas é justo reconhecer que ainda não é suficiente. Ao falar de genocídio do negro no Brasil não falamos de um processo acabado, falamos de um

processo em curso, acontecendo cotidianamente nas inúmeras tentativas de extermínio e apagamento da população negra. Esse apagamento se dá de diversas formas, pela própria materialização do corpo, da cultura, da voz. O que constitui a natureza de formação da diáspora é, além de diversos outros aspectos, a morte. A reconstrução da nossa memória é um importantíssimo instrumento para quebrar as amarras e correntes que nos aprisionam (ou tentam) até hoje.

Nessa perspectiva, a escritora norte-americana, Saidiya Hartmann (2021) em sua escrita na obra *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*, debruça-se sobre o tráfico transatlântico das pessoas trazidas do continente africano e levanta questionamentos sobre si mesma, sua identidade e sobre a formação da identidade dos outros descendentes de escravizados a partir de suas pesquisas e experiência em Gana, e estabelecendo uma relação com os mortos e traçando reflexões sobre esse luto, muitas vezes, inexistente. Hartmann faz uso da escrevivência para reconstruir uma memória que é dela e de toda uma comunidade. Com Hartmann é possível perceber evidentemente uma *sujeita* autoral que não é fixa, mas movimenta-se de acordo os contextos e as possibilidades que lhe são oferecidas e alcançadas.

O jovem próximo de mim se ofereceu para traduzir a letra. “Irmã” foi a primeira palavra que saiu de sua boca. Logo que ouvi, preparei-me para o que eu sabia que viria a seguir. Era a isca e eu esperei que ele me fisgasse. Ele disse algo que não consegui escutar por causa do canto das meninas. Meneei a cabeça em sinal de que não havia entendido o que ele dissera. Ele chegou bem perto de mim e então gritou no meu ouvido. As meninas estão cantando sobre aqueles que foram arrancados de Gwolu e escravizados nas Américas. Elas estão cantando sobre a diáspora. Ai estava – minha canção, a canção da tribo perdida. Fechei meus olhos e ouvi. (Hartmann, 2021, p. 164.)

Essa *sujeita autoral* que busca incessantemente pelo encontro da sua origem e subjetividade, compreende os escravizados como seus ancestrais. Ao escrever ou reescrever sobre o passado do processo escravocrata, entende que esse exercício é também uma projeção do seu presente e da sua própria história. Conforme procura por respostas, traça uma nova identidade para si, constituindo-se como novo sujeito e estabelecendo um novo olhar sobre a morte e a relação intrínseca entre o luto e a diáspora.

Outra personagem viável que nos faz seguir nessa trilha é Celie, personagem da obra de Alice Walker, intitulado *A cor púrpura* (2016), em que escreve cartas para Deus, e, através dos seus textos epistolares, acompanhamos sua trajetória através de uma escrevivência que acolhe seu processo próprio de reconhecimento e autoconhecimento como sujeito, mas também registram um processo de construção da alteridade.

Querido Deus,
Eu tenho quatorze ano. Eu sou. Eu sempre fui uma boa menina. Quem sabe o senhor pode dar um sinal preu saber o que tá acontecendo comigo. Na primavera passada, depois que o nenê Lucious chegou, eu iscutei o barulho deles. Ele tava puxando o braço dela. Ela falou, Inda é muito cedo, Fonso, eu num tô bem. Até que ele deixou ela em paz. Uma semana depois, ele foi e puxou o braço dela outra vez. Ela falou Não, eu num vou. Você não vê que já tô meia morta, e todas essas criança (Walker, 2016, p. 17.)

O romance de Alice Walker, construído através das cartas, nos encaminha a trajetória de Celie, uma menina negra de quatorze anos, que frequentemente é abusada sexualmente por seu padrasto e acaba engravidando de dois bebês dos quais é afastada. A narrativa é composta pelas cartas que a jovem escreve destinadas a Deus e a sua irmã, Nettie, de quem também está longe e sem saber nenhuma notícia. Ao longo da narrativa acompanhamos a jornada de Celie, e vemos sua transformação e emancipação como *sujeita* à medida que imprime sua escrevivência nas cartas que endereça.

Eu me sinto meio estranha perto das criança. Por uma coisa, elas cresceram. E eu vejo que elas pensam que eu e a Nettie e a Shug e o Albert e o Samuel e o Harpo e a Sofia e o Jack e a Odessa somo muito velhos e num sabemo o que tá acontecendo. Mas eu num acho que nós tamo velho de jeito nenhum. E a gente tá tão feliz. Pra falar a verdade, eu acho que a gente nunca se sentiu tão jovem assim. Amém.

(Walker, 2016, p. 21)

Olhando para a mesma direção, nas intituladas *Cartas para o bem viver* (2020), temos uma coletânea de cartas-urgentes escritas por diversas pessoas com o intuito não só de “promover o encontro entre um remetente e destinatário (...), mas para pôr em movimento um território de/ para muitos, um encontro de coletivos” (Costa; Xucuru-Kariri, 2020, p.12). Reivindicando o lugar das cartas e tratando da urgência de escrevê-las em tempos apressados e emergentes porque “dependendo do contexto da sua criação, ela pode ser a própria luta, algumas vezes, a última alternativa, outras, o início de tudo” (Costa; Xucuru-Kariri, 2020, p.12), os remetentes endereçam as cartas

para umx interlocutorx, imaginárix ou não, que pudesse escutar com atenção nossas aflições, reflexões, nossa potência, que pudesse experienciar o que pode vir a ser a criação de palavras de ação, de força e de coragem – palavras urgentes para criarmos uma boa vida para nós, para os outros, numa tentativa de expor quais são as nossas emergências hoje.

(Costa; Xucuru-Kariri, 2020, p. 13)

Nessa obra, destaca-se uma carta específica escrita pela professora Duarte (2020), endereçada à sua filha, Eva. Na carta ela diz por que escolheu como remetente sua filha mais nova, mesmo tendo outro filho

porque num tempo não cronológico, parece ser você a mais velha. Porque, por ser mulher negra, você precisará acolher com mais avidez os conselhos que exponho aqui, porque você precisará voltar, com mais frequência à sua baobá. Para que você, minha filha, use da melhor forma as palavras materializadas nesta carta, sim, a palavra escrita permanece viva por muito tempo, esta carta é uma pouco da memória de sua ancestralidade materna

(Duarte, 2020, p. 142).

Registrar um pouco de memória na carta para que seus filhos ou, mais especificamente, sua filha, não tenham que passar por muita das situações às quais foi submetida ao longo da sua vida, é um exercício comum a nós nessa pesquisa a fim de reconstruir uma memória coletiva que tentou ser apagada. Usar as cartas como construção e reconstrução de si e do outro, e de uma memória que lhe foi passada é reconhecer as cartas como importantes instrumentos memorialísticos de transgressão de uma imposição antiga e reconstrução do ser e existir. Ao longo do texto, Duarte (2020) diz que a carta é endereçada à filha, “mas vai perceber que ela

dialoga com muitas meninas e meninos negros. Espero que ela seja alento, seja lembrança e, de alguma forma, seja encorajamento” (Duarte, 2020, p.143), é esse intuito que demarca a *sujeita* autoral das mulheres negras nas nossas cartas.

Todas essas mulheres negras remetentes são motivadas por algo em comum, o rompimento do silêncio e a construção de uma nova realidade, seja para elas mesmas, para suas filhas, suas irmãs, suas mães, avós ou sua comunidade. É por esse mesmo motivo que na obra *Cartas para a minha mãe* (2010) de Teresa Cárdenas, acompanhamos o crescimento da remetente das cartas que escreve para a sua mãe que já faleceu através de textos epistolares que nos permitem acompanhar sua transição da infância para a adolescência em que constrói sua identidade, desenvolve sua consciência e crítica racial e se reconhece como *sujeita* capaz de decidir o próprio destino mesmo vivendo numa casa onde não queria morar, com pessoas que não se esforçam o mínimo para dar o acolhimento que uma pessoa enlutada merece.

Mamãe, não sei por que me deixou tão sozinha. Sem seus beijos, sem seus abraços, sem aquele cheiro de margaridas que sempre a acompanhavam.
Nunca contei a ninguém quanta falta sinto de você. E não aguento mais tanto silêncio. Vou começar a lhe escrever...
(Cárdenas, 2010, p. 8)

Ao perceber que, talvez, a escrita seja um lugar possível e acolhedor da sua solidão, ela transpõe para o papel a sua angústia e necessidade de pertencer a algum lugar, já que se sente confortável e acolhida na casa da sua tia, lugar onde passou a morar após a morte da mãe, e onde sofreu constantes maus-tratos, agressões e abusos da dona da casa, das suas primas e da sua avó.

Constantemente recebe adjetivos que tem como objetivo fomentar a formação de uma identidade quebrada, fragmentada e sem confiança, mas o que faz é o contrário daquilo se espera, se forma a partir de um lugar de autoconfiança, emancipação de si, empatia e consciência racial. Quando reconhece que parece com a mãe, ela o faz não a partir de traços negativos que insistem em apontar nela, mas sim a partir da valorização de seus traços, sua pele e seu cabelo.

Mãezinha, encontrei um pedaço de espelho na rua. Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca... Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. (...) Como acha que eu ficaria com olhos azuis, narizinho fino e a boca feito uma linha? Horrrosa, não é verdade? Por isso que não deixo que passem pente quente em meu cabelo. Não quero ficar parecida com Sara. Prefiro fazer penteados. Como as africanas.
(Cárdenas, 2010, p. 20)

Ao longo da narrativa da obra, acompanhamos o desenvolvimento da personagem que começa a escrever cartas com dez anos e encerra a escrita com uma carta de despedida após completar seus quinze anos. A partir desse fato, os textos epistolares da obra podem ser percebidos como um registro de suas vivências da infância e adolescência que culminaram na formação da sua identidade empoderada pela escrita contaminada pela sua condição enquanto *sujeita, criança, mulher e negra*. Dessa forma, as cartas podem ser vistas como o registro de

suas vivências tanto de sua infância quanto de sua adolescência. Nessa perspectiva, sua trajetória mostra a superação dos traumas da perda de sua mãe e de sua conflituosa convivência com os familiares e, também evidencia o processo de autoconscientização de sua condição de criança/adolescente/mulher negra e as suas estratégias forjadas desde cedo para o enfrentamento do racismo.

O mesmo acontece com Djamila Ribeiro na obra *Cartas para minha avó* (2021). Em uma coleção de textos epistolares, a autora também destina cartas a sua avó que já faleceu sem que ela pudesse lhe contar muitas coisas. Numa espécie de cartas-desabafo, traça diálogos com sua mãe também falecida e sua filha adolescente. Nesse exercício, ela transpõe para a escrita a sua vivência, mas também a vivência que ela observava em sua mãe e avó, e a vivência que ela espera que sua filha tenha, uma vivência menos dolorosa e que a exija ser muito mais que uma mulher forte capaz de enfrentar as violências projetadas pelo racismo, machismo e sexismo.

Evitei essa conversa por muito tempo. Confesso que sucessivos lutos – meu pai morreu um ano após minha mãe – me fizeram agir no automático. A ferida que sangra agora é velha, uma ferida que foi aberta anos atrás e não cicatrizou. E toda vez que sinto dor parecida, mesmo vindo de situações diferentes, o corte põe a sangrar de novo, e muito, mas agora me sinto pronta, vó.
(Ribeiro, 2021, p. 14)

Nas cartas de Ribeiro (2021), temos uma mulher negra que encontrou na escrita esse lugar de pertencimento para conservação não só dos conhecimentos adquiridos na academia, mas das suas angústias, dores, anseios e expectativas. Ao longo das cartas ela faz uma linha do tempo da sua adolescência até o momento atual, quando já é adulta, e através da escrita das cartas vemos como ela traça essa *sujeita autoral* que se forma a partir das vivências e experiências sociais, depositando-as numa escrita repleta de subjetividade. Essa é uma marca possível de identificar, por exemplo, quando ela diz que “como mulher, eu era um produto que tinha como dono outro produto. Como negra, eu era um subproduto que tinha como dono outro subproduto. Um sub-subproduto. Todos tinham direitos sobre mim. Eu não tinha lugar nem na prateleira” (Ribeiro, 2021, p. 96). Ela faz uma análise de como a sociedade a enxergava e tratava, e percebe que ela, em certo ponto, agia em conformidade com a expectativa lançada sobre ela como mulher, preta e pobre. Ao longo das cartas, vemos a formação dessa *sujeita autoral* que possui autoridade sobre si e sobre o olhar que lança para o mundo.

Através das obras epistolares e remetentes citadas anteriormente é possível perceber como as cartas são importantes instrumentos de reconstrução da memória coletiva e cultural a partir da identidade das *sujeitas autorais*, que escrevem e imprimem no papel a marca das suas escrituras. É nesse lugar de mulher negra que não se percebe como está inserida no mundo que elas descobrem na escrita uma experiência individual que ainda assim se comunga em uma coletividade.

Considerações finais

É nesse cenário de utilização das cartas como forma de ser e existir no mundo, encontrando na escrita um lugar de transgressão por meio da escrevivência que apreendemos o conceito de *sujeita* autoral e compreendemos de que forma essa escrevivência possibilita uma (re)construção da memória coletiva e cultural de um povo. É possível encontrar muitas obras que fazem esse caminho de retomada ao passado visando a transformação do futuro, e só assim é possível honrar nossos ancestrais e abrir caminhos capazes de conceder fortalecimento e empoderamento a um povo que há muito tem suas narrativas escarnecidas pela história.

A escrevivência das cartas de mulheres negras como mecanismos sociais de reparação e reconstrução estão diretamente ligadas às criações de novas possibilidades de existir e estar num mundo que por muito tempo criou sistemas de desintegração e eliminação de vias de subsistência e sobrevivência. Quantas pessoas negras não se acham merecedoras de necessidades básicas pois foram moldadas numa sociedade racista, forjada por e para a branquitude? Inúmeras, e ainda não acabou. Esse é um processo gradual de conscientização e reconstrução da humanidade de uma população que durante muito tempo foi tratada como indigente.

Reconstruir a memória cultural de um povo que, por muito tempo, não teve pleno acesso e conhecimento de sua história é possibilitá-lo enxergar parte da sua trajetória a partir de caminhos percorridos não só por ele, mas por seus antepassados. É a partir dessa reconstrução que é possível perceber em quais encruzilhadas as histórias do nosso povo se cruza e se intersecciona a fim de construir uma nova estrada digna de humanidade, integridade e reconhecimento de si a partir da história que se conta e não a que se guarda. Nisso, a escrevivência de mulheres negras – nesse caso, seus textos epistolares – nos auxilia rumo à construção de um futuro através da reconstrução de um passado subjugado.

Referências

- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANGELOU, Maya. *Carta a minha filha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BETTIOL, M. R. B. Mário de Andrade e a especificidade do gênero epistolar: o esboço de uma teoria. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 65, p. 227-236, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/PtM5tbvVb8qdx6RnDcqWLKw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de abril de 2024.
- CÁRDENAS, Teresa. *Cartas para a minha mãe*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2010.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COSTA, S. L. O que (ainda) podem as cartas?. *Interdisciplinar- Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão-SE, v. 19, 2013, p. 87-98. Disponível em: <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/10/O-que-ainda-podem-as-cartas.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2024.

LINHA D'ÁGUA

COSTA, S. L.; XUCURU-KARIRI, R. *Cartas para o bem viver*. 1. ed. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café /paraLeLo13S, 2020.

DUARTE, R. De Rosinês Duarte para Eva, sua filha, In: COSTA, S.L.; XUCURU-KARIRI, R. *Cartas para o bem viver*. 1. ed. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café /paraLeLo13S, 2020, p. 142-148.

ELIA, L. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

EVARISTO, C. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. *Escrivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 09 de março de 2024.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOCAULT, M. *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 1992, p. 129-160.

HARTMAN, S. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

JESUS, C.M. *Quarto de Despejo*. 1. ed. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro: 1960.

LISPECTOR, C. As três experiências. In: LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MORAES, M. A. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2001.

MORAES, M. A. Cartas, um gênero híbrido e fascinante. In: *Jornal da Tarde*, São Paulo, 28 nov. 2000. Caderno de Sábado.

MORAES, M. A. *Mário, Otávio: cartas de Mário de Andrade a Otávio Dias Leite (1936-1944)*. São Paulo: IEB-USP/Imprensa oficial, 2006.

RIBEIRO, D. *Cartas para minha avó*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SARAIVA, J. I. A. A formação do sujeito e a literatura. *Nonada: Letras em Revista*, v. 1, n. 12, 2009, p. 1-9. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451678008.pdf>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

WALKER, A. *A cor púrpura*. 1. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.